

Senado é campo minado para o governo

Marcelo de Moraes e
Vanda Célia

Da equipe do Correio
MOA

Na parede em frente à mesa principal do gabinete da liderança do governo no Senado, a foto do presidente Fernando Henrique Cardoso domina o ambiente. Sentado, o líder do governo, senador Elcio Alvares (PFL-ES), examina a relação com os nomes dos 81 senadores. Arruma os óculos no rosto com a ponta do dedo indicador e faz sua avaliação do Senado. "Aqui são 81 líderes", diz.

Alvares sabe o que fala. Em quase 15 meses do mandato de Fernando Henrique, o Senado se transformou num cenário de batalhas para o governo. É um terreno minado, onde suscetibilidades e egos políticos explodem a cada passo.

Nada passa fácil pelo Senado. O projeto que criava o Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam) começou a ser discutido em 1994 e ainda não foi sacramentado. A Lei de Patentes precisou de cinco anos.

Carlos Eduardo 9.03.95



Antônio Carlos Magalhães: muita força para provocar grandes estragos

Fernando Henrique desenvolveu um método próprio de lidar com os senadores. Sabe que eles gostam de afagos e de valorização. Sabe que Sarney e Antônio Carlos estão num plano especial de tratamento. Sozinhos têm força suficiente para causar estrago no seu governo. Sarney provou isso na última quarta-feira, comandando o movimento pela CPI do Sistema Financeiro.

Para tentar se aproximar dos senadores, o presidente costuma abrir os salões do Palácio Alvorada para jantares políticos. E não perde a calma quando os senadores exigem que ele feche compromissos por escrito quando o assunto é polêmico. "Gosto muito do presidente, mas quis garantias por escrito", diz o senador Ronaldo Cunha Lima (PMDB-PB).

Ele exigiu e Fernando Henrique mandou uma carta prometendo que não privatizaria a Petrobrás se a quebra do monopólio do petróleo fosse aprovada pelo Senado. Só assim, o projeto que era discutido há dois meses pelos senadores pôde ser votado.